

EXTREMA POBREZA: UMA HERMENÊUTICA CONFLITUAL DE 2COR 8,1-2 SOB A LUZ DO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

*Cristiano Santos Araujo**

Resumo

Investiga-se a temática da extrema pobreza, a partir da segunda carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, e a respectiva generosidade das Igrejas da Macedônia para a coleta e socorro aos irmãos pobres de Jerusalém. Estas relações socioeconômicas, tão conhecidas em solo latino-americano, perfazem nosso objeto de estudo para a hermenêutica conflitual da perícopa bíblica e da investigação das realidades brasileiras, os invisíveis, fracos, vis e desprezados homens humanos de nossa epocalidade tão desumana.

Palavras-chave: *Extrema pobreza. Bíblia. Contexto latino-americano.*

Abstract

The text analyzes the extreme poverty matter, based on Saint Paul's second letter to the Corinthians, and the respective generosity of the Churches of Macedonia to the collection and help to the needed brothers of Jerusalem. This socio-economic relationship – so famous in Latin American ground – constitutes the focus to study the conflictive hermeneutics of the biblical pericope and the investigation of Brazilian poor people, the invisible and weak ones, the underestimated men of such an inhuman age.

Keywords: *Extreme poverty. Bible. Latin American context.*

Nascido e criado aqui / Sei o espinho onde dá / Pobreza por pobreza / Sou pobre em qualquer lugar / A fome é a mesma fome que vem me desesperar / E a mão é sempre a mesma que vive a me explorar.

(Pobreza por pobreza / Luiz Gonzaga)

* Doutorando em Ciências da Religião (PUCGO) com o projeto 'O Sagrado em Guimarães Rosa'. Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ).

Mestre Luizinho, que aprendeu com Januário, conheceu a pobreza do sertão, viveu na dimensão da fome e do desesperar pela vida, algo tão comum no contexto latino-americano. Na busca por alimento e água, percebeu que por trás desta insólita violência humana, chamada fome, tem sempre alguém a lucrar e a quem interessar. No balanço das almas, permanecem os vis, fracos e miseráveis, gente humana animalizada em sua condição básica de existir dignamente, por interesses político-econômicos tão escusos.

A miserabilidade na América Latina, especificamente, sufoca e aprisiona a humanidade dominada e vencida, classificada e chamada de pobre, miserável, cegos e nus. Desnudados das 'basicidades' da vida humana, os extremamente pobres, na Bíblia e no cenário latino-americano, ver-se-á as estruturas de indignidade existencial do homem.

Neste artigo, apresentaremos a extrema pobreza das igrejas da região macedônica e suas expressões de generosidade, mediante o contexto neotestamentário a partir da narrativa de Corinto, assim como as respectivas correlações da 'ralé brasileira' no contexto latino-americano, especificamente na perspectiva brasileira.

Em ambos os cenários, bíblico e latino-americano, o pobre é percebido como o desprovido de posses e riquezas, sempre por causa da exploração colonialista e imperialista, tão conhecida e degradante na história da humanidade. Portanto, vejamos o lugar social da pobreza no contexto a partir de Corinto, uma breve hermenêutica da perícopa de 2Cor 8,1-2, a categorização da chamada 'ralé brasileira', assim como o paradoxo da extrema pobreza e a generosidade humana.

O lugar social da pobreza em Corinto

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e Timóteo, o irmão, à Igreja de Deus que está em Corinto, assim como a todos os santos que se encontram na Acaia inteira (2Cor 1,1-2).

A expansão do cristianismo originário se insere, basicamente, no contexto sociocultural greco-romano, inter-relacionando-se com todas as expressões, formas de pensamento e linguagens das sociedades do *judaísmo*, *helenismo*, *romanismo* nas ambiências de construção da identidade do cristianismo primitivo.

Corinto era uma importante região para 'os cristianismos' do primeiro século. A posição estratégica da cidade portuária, na ponta oeste do istmo que separava a Grécia Central do Peloponeso, no eixo norte-sul, e o mar Jônico do Egeu, no eixo leste-oeste, possibilitava a fluidez de pessoas, ideias e expressões religiosas do leste para oeste e vice-versa. Foi um fator que certamente contribuiu para a escolha de Corinto como um importante centro das atividades missionárias cristãs paulinas¹.

1. CROSSAN, John D.; REED, Jonathan L. *Em Busca de Paulo: Como o Apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 49.

É pertinente perceber que houve duas Corintos: uma cidade grega que floresceu até sua destruição pelos romanos, e uma colônia romana fundada sobre o mesmo espaço geográfico por Júlio César. Corinto torna-se uma colônia romana, estreitando laços com Roma ao longo de todo o período. Sob a condição de colônia, Corinto herdou não somente os costumes romanos, como também suas estruturas de organização política. Sob muitos aspectos, Corinto foi uma pretensa mimese de Roma em solo grego.

No que concerne, especificamente, à composição da comunidade cristã de Corinto, é necessário saber que ela abrange vários níveis sociais da colônia. Havia escravos, artesãos livres e comerciantes, pessoas com vários níveis de riqueza, além de judeus e gentios. Conforme Murphy-O'Connor² o grupo predominante na *ekklesia* de Corinto era formado por gentios, dos mais variados graus do “meio” da escala social. Os judeus seriam minoria. Entre os escravos de Corinto estavam os domésticos, os que trabalhavam nos campos das grandes propriedades e os que trabalhavam nas minas. Os escravos domésticos, embora em desvantagem do ponto de vista legal, por não terem o *status* de cidadão, gozavam de um padrão de vida e de educação superiores, muitas vezes, ao dos nascidos livres, sorte que não fora estendida aos demais escravos.

A relevância de Corinto como um centro paulino de missionarismo é evidente a partir de suas cartas. A prosperidade econômica coríntia poderia auxiliar comunidades menos abastadas, pondo em prática a concepção de partilha e igualdade paulinas. A coleta para os cristãos de Jerusalém (2Cor 8–9) é um exemplo significativo dessa concepção. Segundo Theissen³, os fatores socioculturais que causavam conflitos entre os “fracos” e os “fortes” se refletiam também na relação destes com os demais grupos sociais dentro e fora da comunidade. As celebrações e refeições dão a dimensão das diferenças entre os grupos sociais. O contato com os não cristãos, por exemplo, envolvia as ceias conjuntas, e as pessoas de *status* mais elevado certamente deviam participar destas celebrações culturais, e das refeições, devido aos seus contatos sociais. Paulo procurou minimizar as diferenças entre os membros da comunidade, expondo seu próprio comportamento altruísta como exemplo (1Cor 9,19-22).

A comunidade cristã de Corinto era caracterizada por uma estratificação social interna. A maioria dos membros era oriunda das camadas inferiores da sociedade greco-romana, contrastando com uma pequena minoria pertencente aos estratos superiores, e que seriam determinantes na estruturação do movimento cristão naquela localidade. Em hipótese alguma essa estratificação seria acidental, mas sim o resultado de causas estruturais daquela sociedade. Sendo assim, a composição social da comunidade de Corinto poderia ser a característica fundamental das comunidades cristãs de origem helenística.

2. MURPHY-O'CONNOR, J. *St. Paul's Corinth*. Texts and Archaeology. Wilmington: M. Glazier, 2002, p. 279.

3. THEISSEN, Gerd. *Sociologia da Cristandade Primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 47-52.

As tensões entre cristãos “fracos” e “fortes” acerca das práticas judaicas no culto cristão foram um tema crucial nos primeiros anos do cristianismo. A maneira como Paulo procurou resolver essas questões pode ser considerada paradigmática, se comparada a outras discordâncias entre os cristãos. Na leitura de Crossan⁴, enquadrar os judeu-cristãos no grupo dos “fracos” e os gentio-cristãos de “fortes” é, no mínimo, um reducionismo. Embora esses termos não estejam equivocados, eles limitam as diferenças às etnias, subvalorizando as práticas religiosas. Um adorador de Deus gentio, convertido, por exemplo, poderia querer manter, dentro do cristianismo, algumas das suas práticas ritualísticas anteriores, enquanto alguns judeus convertidos rejeitavam essas práticas.

Pobreza extrema em 2Cor 8,2

Irmãos, nós vos damos a conhecer a graça que Deus concedeu às igrejas da Macedônia. Em meio às múltiplas tribulações que as puseram à prova, sua copiosa alegria e sua pobreza extrema transbordaram em tesouros de liberalidade (2Cor 8,1-2).

As dificuldades econômicas também podem ser percebidas nos comentários sobre a coleta em favor da comunidade de Jerusalém em 2Cor 8–9. É claro que não se tratava de uma elevada soma doada por poucas famílias abastadas, mas do resultado de uma pequena poupança, acumulada por todos os membros da comunidade. Paulo os tranquiliza sobre o que é mais importante, ou seja, o desejo de contribuir necessariamente a quantia que foi doada, conforme 2Cor 8,2.14. Nesse mesmo contexto de pobreza, poder-se-ia enquadrar os cristãos da Macedônia, que doaram generosamente, a despeito da sua extrema pobreza.

No grego do Novo Testamento temos duas principais palavras para entender a dimensão da pobreza⁵. A primeira é *ptoxeia*, substantivo que significa “extrema pobreza”, ou o verbo *ptoxeo*, tornar-se *extremamente pobre* ou *miserável* (2Cor 8,2.9). A segunda, *ptochós*, demonstra não apenas a posição do homem na sociedade, mas também a sua situação diante de Deus, pois nada tem para trazer a Ele; ou seja, um pobre relativo aos bens deste mundo, impotente e mendicante. Este é o pobre, o oprimido, o fraco, o carente e o humanamente necessitado. Em 2Cor 8,2, os extremamente pobres são mencionados em conexão direta com a coleta para a Igreja, onde os irmãos pobres de Jerusalém foram assistidos pelos pobres da Igreja da Macedônia. A coleta foi a partilha socioespiritual de *koinonia* e caridade na práxis do ágape do Senhor Jesus, que se fez pobre para dar aos outros.

A hermenêutica conflitual busca encontrar elementos que tragam à tona a real situação histórica na qual o Cristianismo originário estava envolvido, a fim

4. CROSSAN, John D.; REED, Jonathan L. *Em Busca de Paulo*, p. 356-357.

5. GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 182.

de que, pela análise das tramas de poder, dominação e alienação, os pobres, as mulheres, os estrangeiros, os escravos, gêneros, etnias, classe sociais, e toda sorte de classes de pessoas esquecidas pelo sistema, sejam evidenciados e os esquemas de exploração e inviabilização social sejam denunciados e mediados pela narrativa bíblica.

A análise conflitual olha a sociedade não tanto como unidade estrutural estável, mas como estrutura em tensão. A sociedade está, na realidade, composta por uma pluralidade de grupos, cada um dos quais tende a conseguir seus próprios objetivos, protegendo os interesses específicos e de seus membros [...] O modelo conflitual parte de uma visão dinâmica da sociedade. Ao contemplar os interesses das pessoas e dos grupos, este modelo leva a reconhecer a mudança e o conflito como fatores permanentes da sociedade⁶.

Para o apóstolo Paulo, a coleta para os irmãos pobres de Jerusalém era matéria de grande relevância, os capítulos oito e nove da Segunda aos Coríntios tratam da questão. As muitas tribulações vieram das perseguições implementadas de miséria pelas forças romanas de Lívio ao desnudarem toda a Macedônia com impostos absurdos, a exploração de sal e madeira, ao pilharem as terras e minas, apossando de ouro e prata⁷.

Mesmo assim fez aparecer a unidade e generosidade cristã em forma de ofertas financeiras de socorro pelas igrejas gentílicas, principalmente as da região da Macedônia de Filipos.

O amor prático e altruísta cooperou para que da extrema pobreza e miséria fosse fonte de liberalidade e ajuda humana. Da extrema pobreza deles, conforme 2Cor 8,2, os cristãos macedônicos compartilhavam o pouco que tinham: Os pobres compartilham o todo (8,1-6). Por que e para que repartir (8,7-15); atuar com transparência (8,16-24). O chamado de todos (9,1-15). Assim, prestaram a assistência voluntária, exerceram a diaconia.

A extrema pobreza na América Latina e a ralé brasileira

Na América Latina, a Bíblia se manifesta como memória inquietadora. Sua reserva de sentido está sendo recriada pelos oprimidos, desde o reverso da história, como denúncia conscientizadora da opressão e anúncio animador da libertação. A inquietude que aflora através de tal reminiscência não esgota em um novo sentido, mas, basicamente, se compõe de um novo sujeito

6. FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do Novo Testamento* (2. ed.), 2011, p. 49.

7. CHAMPLIN, R. Norman. *O Novo Testamento Interpretado versículo em versículo*. Volume 4. São Paulo: Hagnos, 2002, p. 372.

histórico: os oprimidos em processo de organização. Por não se restringir ao nível das significações, esta nova perspectiva vem irritando a uns e fazendo trilhar caminhos inusitados a outros⁸.

Junto aos pobres, a leitura da Bíblia não é neutra, pois, para o povo oprimido e marginalizado, a Bíblia nas mãos é um instrumento de luta e libertação de consciências. Não obstante todas as sistematizações políticas em nosso continente, a pobreza e a desigualdade são construções sociais que se desenvolvem e consolidam a partir de estruturas, agentes e processos que lhes dão forma histórica concreta.

Os países e regiões da América Latina moldaram, desde os tempos coloniais até nossos dias, expressões desses fenômenos sociais que, embora apresentem as peculiaridades próprias de cada contexto histórico e geográfico, compartilham um traço em comum: altíssimos níveis de pobreza e desigualdade que condicionam a vida política, econômica, social e cultural. O conceito de *construção* é praticamente similar ao de *produção*, sendo utilizado aqui para enfatizar que a pobreza é o resultado da ação concreta de agentes e processos que atuam em contextos estruturais históricos de longo prazo.

Reiteradamente, esses problemas foram identificados como os mais relevantes que enfrentam as sociedades latino-americanas ao buscar a consolidação dos regimes democráticos, socialmente justos. Mais importante ainda, observa-se que a pobreza e a desigualdade habitualmente estão ligadas; retroalimentam-se e reproduzem-se à medida que contam com condições políticas, econômicas e sociais favoráveis para tanto. Essa interação tende, além disso, a consolidar os nocivos efeitos sociais de sua conjunção.

A desigualdade gera pobreza à proporção em que, num determinado ponto histórico, a distribuição do estoque de recursos econômicos faça parte de um jogo de soma zero. Certamente, em tese, pode se pensar de maneira distinta a questão da distribuição de bens nas sociedades, particularmente quando se inclui a dimensão *tempo* futuro e se pensa em incrementar o estoque de bens para facilitar sua distribuição. Muitas das teorias que subscrevem a política de “fazer o bolo crescer para depois distribuir” partem dessa premissa. No entanto, uma simples descrição histórica do crescimento econômico registrado por vários dos países da região mostra que este não se traduziu em uma significativa diminuição da pobreza, pela simples razão de que o estoque de bens é tão desigualmente distribuído, que seus efeitos estruturais tendem a concentrar inercialmente os lucros em grupos reduzidos da população.

8. SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gênese 12–25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco, *Estudos Bíblicos*, n. 1, p. 31-49.

Essa realidade condiciona qualquer objetivo de se conseguir uma redução significativa da pobreza e consolida – quando não aumenta – uma desigualdade ímpar no mundo inteiro.

Em nossa terra, a ralé brasileira – os invisíveis e miseráveis brasileiros –, segundo o sociólogo Jessé de Souza, estabelece a singularidade do Brasil contemporâneo. O seu desafio político central não é o jeitinho brasileiro, que pressupõe uma compreensão anacrônica do Brasil como uma sociedade pré-moderna baseada em relações pessoais, cuja contrapartida institucional é o patrimonialismo e a corrupção, mas a reprodução histórica de uma classe social de desclassificados sociais, que perfaz 1/3 da população brasileira. Essa classe é “moderna” e não mera continuidade de um passado distante, porque o que a faz destituída, oprimida e humilhada é a ausência de recursos como o capital econômico e o capital cultural.

Conforme Jessé de Souza⁹, os autores da clássica sociologia brasileira como Sérgio Buarque de Holanda, Raimundo Faoro e Roberto Da Matta, ao tentarem construir em suas obras uma identidade nacional do povo brasileiro recaem em uma “teoria emocional da ação”, que, embora exalte as qualidades desse povo, não aborda as principais causas da desigualdade no país. Nesta corrente, a sociedade brasileira é analisada a partir de noções como o personalismo, o familismo e o patrimonialismo e a explicação do jeito de ser brasileiro fica reduzida a estes conceitos.

Para o sociólogo, os esquemas explicativos utilizados por Holanda, Faoro e Da Matta tendem a perder sua relação com qualquer realidade mais ampla a partir do momento que eles tentam explicar o comportamento do brasileiro simplesmente pelo próprio comportamento do brasileiro e pela colonização portuguesa, abandonando uma interlocução mais totalizadora que abarque as construções singulares das modernidades periféricas, como é o caso do Brasil.

O mesmo século XIX da vinda da família real para o Brasil, da independência do país, é também o século da abolição da escravidão, fato que fortalece ainda mais a desigualdade social. Pouco restava aos escravos libertos; formalmente eles estavam livres, mas não conseguiriam se desenlaçar das condições subumanas às quais estavam submetidos. Dessa forma, negros escravos formam o que Souza denomina de “ralé social”, uma categoria de sujeitos considerados dispensáveis pela sociedade. A desigualdade social estende-se além do comportamento dos sujeitos, das relações estabelecidas, do tratamento que é destinado aos pobres, invisíveis sociais.

Os invisíveis são os excluídos, os vis, os despossuídos. Assim, perceber a “ralé” como “ralé”, ou seja, como conjunto de famílias e de indivíduos assolados

9. SOUZA, Jessé. *Ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009; *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

pela desestruturação familiar, pela naturalização do abuso sexual em todos os níveis, pela não incorporação sistemática dos pressupostos do trabalho produtivo moderno altamente especializado, pelo uso instrumental de todos contra todos, pode ter um efeito crítico, de conhecimento daquilo que todos evitamos saber, extraordinário.

Nosso maior problema, a chocante desigualdade social que criou entre nós duas classes de pessoas, as que são consideradas como tal e as que não são, e pôr fim às ilusões que caracterizam a formulação de muitas de nossas políticas públicas.

Conclusão

Cuando nací, pobreza, me seguiste, me mirabas a través de las tablas podridas por el profundo invierno. De pronto eran tus ojos los que miraban desde los agujeros. Las goteras, de noche, repetían tu nombre y tu apellido o a veces el salto quebrado, el traje roto, los zapatos abiertos, me advertían. Allí estabas acechándome tus dientes de carcoma, tus ojos de pantano, tu lengua gris que corta la ropa, la madera, los huesos y la sangre, allí estabas buscandome, siguiéndome, desde mi nacimiento por las calles.[...] Pobreza, me seguiste por los cuarteles y los hospitales, por la paz y la guerra. Cuando enfermé tocaron a la puerta: no era el doctor, entraba otra vez la pobreza. (Pablo Neruda)

O Banco Mundial define a pobreza extrema como viver com menos de um dólar por dia, e pobreza moderada como viver com entre um e dois dólares por dia. Estima-se que um bilhão e cem milhões de pessoas em nível mundial tenham níveis de consumo inferiores a um dólar por dia, e que dois bilhões e setecentos milhões tenham um nível inferior a dois dólares.

Segundo o IBGE, a linha de extrema pobreza foi estabelecida em R\$ 70,00 *per capita* considerando o rendimento nominal mensal domiciliar. Deste modo, qualquer pessoa residente em domicílios com rendimento menor, até sem rendimento, ou igual a esse valor, é considerada extremamente pobre.

Não sabemos no contexto de Corinto quanto tinham, com quanto viviam diariamente. É sabido que entre os fracos, vis e desprezados que vivam numa cidade portuária extremamente rica, vivam em condições de miserabilidade, assim como seus irmãos da Macedônia, gente que vivia debaixo do patronato romano, então, sob a potente mão forte do imperialismo romano. Assim sendo, debaixo do escravagismo senhorial e dominador, as potencialidades humanas são deterioradas, a ponto do estabelecimento estrutural das condições de extrema pobreza, tão conhecidas nas Igrejas da Macedônia segundo o texto de 2Cor 8–9.

A extrema pobreza, especificamente no cenário que retratamos, tem causas políticas, econômicas e sociais. Não obstante o desterro em questão, em meio à miséria, surge uma generosidade, no caso explicitada pelo ágape cristão, trazendo alento ao sofrimento humano.

A opção pelos fracos e vis, tão conhecida em nossa territorialidade latino-americana, ainda no século XXI, é um desafio face ao imenso mar de necessidades locais. Contudo, quer seja em Corinto, Macedônia, Brasil, ou Haiti, a extrema pobreza coexiste com regimes exploratórios de cunho estratificado e injusto. Mas são as ações humanas, independentes da religiosidade em questão, que promovem o empoderamento dos que nenhum poder têm, o socorro bem presente para os que vivenciam a angústia de existir, o afago na alma e na barriga dos invisíveis, das ralés e dos que ainda, ontem e hoje, sofrem a maior punição existencial: lutar para sobreviver em vez de viver.

Bibliografia

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.

CHAMPLIN, R. Norman. *O Novo Testamento Interpretado versículo em versículo*. Volume 4. São Paulo: Hagnos, 2002.

CROSSAN, John D. *O Nascimento do Cristianismo: O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2004.

REED, Jonathan L. *Em Busca de Paulo: Como o Apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados*. Uma leitura conflitual do Novo Testamento (2. ed.). Goiânia: Editora PUCGO, 2011.

_____. *1 Coríntios*. São Paulo: Fonte editorial, 2014.

GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

HORSLEY, Richard A. *Paulo e o Império: Religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

KUMMEL, Werner George. *Introdução ao Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

MATEOS, J.; CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulus, 2003.

MEEKS, Wayne. *Os Primeiros Cristãos Urbanos. O Mundo Social do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MURPHY-O'CONNOR, J. *Corinthe au temps de Saint Paul: d'après les textes et l'archéologie*. Trad. Jean Prignaud. Paris: Éditions du Cerf, 1986.

_____. St. Paul's Corinth. Texts and Archaeology. Wilmington: M. Glazier, 2002.

_____. *Paulo*. Biografia Crítica. São Paulo: Loyola, 2004.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR: Grego/Português. Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

PACKER, J. et alli. *O mundo do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1996.

PROVIN, Genildo et alli. *Estratificação social em Corinto: debates recentes*. São Bernardo do Campo: Oráculo, 2007.

THIESSEN, Gerd. *Sociologia da Cristandade Primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

_____. *Estratificación Social de la Comunidad de Corinto*. Estudio de Sociología del Cristianismo Primitivo Helenista. In: *Estudios de Sociología del Cristianismo Primitivo*. Salamanca: Sígueme, 1985, p. 189-234.

SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gênesis 12–25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco, in *Estudos Bíblicos*, n. 1, p. 31-49.

SOUZA, Jessé. *Ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.